

CARTA AOS AMIGOS DO MUNDO

Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo



Movimento internacional ATD Quarto Mundo
107, avenue du Général Leclerc - 95480 Pierrelaye - France

OUTUBRO DE 2010 – N° 75

É natural !

Quantas riquezas humanas descobrimos quando abrimos a “Carta aos Amigos do Mundo” ! Quando lemos os artigos há fisionomias que se desenharam, vozes que nos falam ao ouvido, jovens e adultos que caminham ao encontro uns dos outros, que caminham de mão dada, sem nunca quererem guardar para si próprios o que tão dificilmente conquistaram mas, pelo contrário, só querendo partilhar com os demais. Eles não pretendem ser donos da verdade, mas dão-nos lições de humanidade enraizadas numa profunda convicção : tudo aquilo que fazem é natural.

É natural “ajudar os outros como me ajudaram a mim”, é natural regressar à escola já depois de adulto para “aprender mais coisas sobre si próprio e ajudar a família”, é natural “aliviar não só a fome do corpo mas também a fome invisível”, é natural inventar e criar para “conseguir ajudar as crianças mais pobres”, é natural “mostrar um amor inabalável pelos seus próprios filhos”, é natural para aquele homem sem abrigo compreender as pessoas que “tiveram de

abandonar tudo” e as que “nem sequer têm notícias dos filhos”. É natural para os jovens afirmarem num poema: “Lutaremos contra ti, miséria, e a juventude vai mobilizar-se por um mundo melhor”.

Então... também é natural lançar um site na Internet para conhecer e dar a conhecer os engajamentos de tantos que combatem contra a miséria.

Renovado em 2011, o site www.mundosemmiseria.org, será vosso, será a página dos correspondentes do Fórum Permanente, será a página de todos aqueles que comemoram todos os anos o Dia 17 de Outubro, Jornada Internacional para a Erradicação da Pobreza, será a página de todos aqueles que querem construir um mundo justo e fraterno.

Falaremos mais dele na próximo número da “Carta aos Amigos do Mundo”

Huguette Redegeld

● Um pai não desiste de voltar a encontrar seus filhos.

Roger é um aborígene australiano de 50 anos. Atualmente está desempregado. Seus pais moravam no campo, trabalhando como agricultores. O pai morreu há dois anos atrás e a mãe, que atualmente tem 77 anos, mora numa casa para idosos. O Roger mora sozinho em Canberra. Ele esteve trabalhando temporariamente na construção de estradas, mas recentemente está muito mais focado em seus 3 filhos, que ele não vê há 3 anos. Então, ultimamente ele não está podendo trabalhar. Seus lindos filhos têm 7, 4 e 3 anos de idade. Roger está separado de sua esposa, que não é aborígene e mora numa zona rural da Austrália com as crianças.

Ele tentou contatar seus filhos inúmeras vezes. Mas, durante os 3 últimos anos, seus esforços foram em vão. Ele trocou de advogado três vezes antes de encontrar um que trabalhasse no seu caso com muita dedicação e um engajamento sem reservas.

Roger conseguiu uma pequena vitória jurídica recentemente (há um mês atrás). Após uma vigorosa batalha judiciária, ele foi autorizado a ter um contato limitado com os seus filhos. Seu primeiro encontro com as crianças foi na semana passada, depois de 3 anos! Nesse dia, Roger era o homem mais feliz do mundo.

Ele não vai desistir e quer a custódia total dos seus filhos. Roger quer mostrar a todos que é um excelente pai, que ama seus filhos. Ele tem um amor incondicional pelos filhos, o que é realmente louvável.

Roger vem de uma geração de aborígenes rurais na Austrália marcada pela pobreza. E, apesar de poucas pessoas saberem disso, sua vontade de vencer na vida é incrível. Ainda existem muitos preconceitos contra pessoas como o Roger na Austrália. Para alguns australianos, ainda é muito difícil sair “de trás de seus próprios muros”. Mas Roger vai conseguir, pois sua determinação não tem limites.

CHANAKA B., AUSTRÁLIA

● «Ser culto é o único modo de ser livre»

José Martí

Gisele A. R. estuda no Instituto Superior de Ciências Médicas de La Habana onde estão matriculados outros brasileiros. Eis o que ela nos conta:

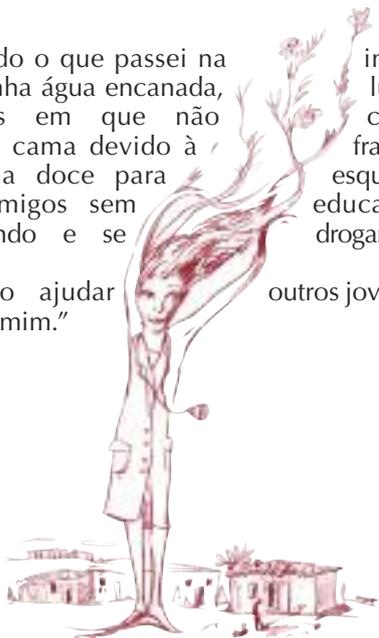
“Saí de casa com 9 anos. Não tínhamos comida, o básico para sobreviver. Quando eu fugi de casa quis trabalhar como cigana na Praça da República e encontrei uma grande quantidade de meninos e meninas da rua. Passei a ser menina da rua. Um menino me ensinou como chegar a um albergue para jovens, mas só comparecia nessa instituição para comer, tomar banho e brincar um pouco. No meu quinto dia na rua, comecei a cheirar cola e depois a fumar maconha. Alguns educadores tentavam me orientar, mas de nada valia. Foi quando me apresentaram a Irmã Ana Maria que me encaminhou para um abrigo, o “Sol e Vida”. Passei uns 3 anos lá e deixei de usar drogas. Esta instituição não era financiada pelo governo e foi fechada. Me encaminharam a outros abrigos da prefeitura, entre eles o “Instituto Dom Bosco”, onde fiquei, até aos 17 anos.

Para alguém que usa droga, não era fácil seguir regras. Foi por muita persistência de vários educadores que eu consegui deixar as drogas, sair da desnutrição e recuperar a saúde. Na infância era rebelde, não queria aceitar a minha situação. Apenas queria ter uma família. Mas havia algo que eu valorizava – a escola e os cursos. Aos 14 anos, comecei a jogar futebol, tive a minha primeira remuneração. Aos 16, entrei em uma empresa que capacitava jovens dos abrigos para o mercado do trabalho e que financiou meu curso de auxiliar de enfermagem. Mas não foi possível concluir pois no Brasil o jovem, a partir dos 17 anos e 11 meses, não é mais sustentado pelo governo, tem que se manter sozinho. Quando se aproximou essa data, entrei em desespero.

A sorte foi que o Instituto Dom Bosco criou um projeto denominado Aquece Horizonte, que é uma república para jovens que, ao sair do abrigo, podem ficar lá até aos 21 anos. As regras mais básicas da república são: trabalhar, estudar e querer vencer na vida. No primeiro semestre, um educador me informou sobre um processo seletivo para estudar medicina em Cuba. Passei por esse processo no consulado cubano e estou em Cuba desde 2007. Foi minha maior conquista!

Hoje recorro o que passei na casa não tinha água encanada, tinha dias em que não levantei da cama devido à fraqueza. Tomávamos água doce para esquecer a fome. E meus amigos sem educação, matando, roubando e se drogando nas ruas...

Hoje quero ajudar outros jovens como me ajudaram a mim.”



● Quem estará mais perdido?

Há vários anos que Claire E. vem acompanhando o Jacques, um homem “sem abrigo”, em todos os passos que ele tem que dar para poder obter e declarar um domicílio legal, um endereço administrativo. Sem esse endereço ele não poderá obter nenhum documento de identificação, nem receber um rendimento mínimo, nem fazer um pedido de alojamento.

A associação capacitada para lhe atribuir esse endereço legal é um local de apoio a imigrantes e a pessoas que ainda não têm documentos franceses. É o que está escrito numa tabuleta à entrada, mas em baixo, em letras pequeninas, pode também ler-se: “e para as pessoas sem abrigo”.



Efetivamente, ao chegarmos, damos com umas trinta pessoas, na maioria homens jovens, africanos, magrebinos, romenos, ciganos... O Jacques é o único de origem francesa... É também o único assim tão marcado pelos anos que passou na rua, com vários blusões uns por cima dos outros, todos velhíssimos, com umas calças de ganga cheias de nódoas e uns sapatos velhos cheios de terra, da terra do caminho que leva à pobre rulote, ao trailler onde já vive há tempo demais...

Todos os rapazes falam uns com os outros nas suas várias línguas, não dominam o francês, e há lá intérpretes para traduzir e para os apoiarem. Eu sei que as situações deles são insuportáveis, sei que os seus percursos e viagens foram duros, conheço as dificuldades que encontram para se integrarem, para fazerem valer os seus direitos, para arranjam um lugar onde morar dignamente...

Mas é o Jacques que me parece mais perdido, com mais dificuldades... E no entanto é ele que define a situação com as palavras apropriadas e que dá uma resposta a todas as minhas perguntas: “Você já viu estes rapazes? Coitados, deixaram tudo para virem até aqui, para chegarem a este país que nem sequer é capaz de os acolher como deve ser! E estão aqui sozinhos, deixaram a família e nem ao menos têm notícias! Eu, pelo menos, sei que a minha filha é linda, que está crescendo em beleza e sem problemas! Os pais deles nem sequer sabem que destino levaram os filhos...”

CLAIRE E., ATD QUARTO MUNDO, FRANÇA

● **Quando queremos realizar algo com as crianças mais pobres, precisamos de ser inventivos e criativos**

Tendo podido apreciar uma ação comunitária num bairro de Bangui (República Centrafricana), Georges L., muito impressionado pelo abandono em que vivia a população da ilha Mbongossou, resolveu fundar lá uma escolinha e conta-nos como fez:

Todos os dias atravessava o rio. Entrava em todas as casas para ver as crianças e suas famílias e para ter uma ideia das suas condições de vida. Consegui criar relações de confiança com as famílias, assim como com o chefe do setor.

A partir daí fiquei sabendo quem podia pagar e quem não podia. E quando via que uma família não podia cumprir com o prometido, passava a considerá-la como um caso social. Quando queremos realizar algo com as crianças mais pobres, precisamos de ser inventivos e criativos.

Houve problemas logo desde o princípio: como é que as crianças podiam completar o ano letivo, já que certas famílias eram tão pobres que tinham que partir para as campanhas de pesca e levavam os filhos com elas?

Apesar das condições difíceis da escola, apesar das piadas de certos pais, nunca perdi a coragem. Pelo contrário, sinto-me muito feliz ao ver que as crianças aprendem apesar das dificuldades dos pais e da escola.

Não tenho capacidade nem os materiais necessários para equipar a escola. Mas tenho a força que Deus me deu. E todos acabarão por ver que o que estou fazendo irá para diante.

Graças ao Movimento ATD Quarto Mundo, também eu próprio me cultivo, nomeadamente com a "Carta aos Amigos do Mundo"... Estamos unidos! "Vamos Agir Todos pela Dignidade".
"Venha você também connosco!"



Anicet B., presidente do COPAJE (Conselho de Promoção da Ação dos Jovens da R. do Congo), organizou, para um encontro sobre a miséria, um concurso de poemas nos liceus oficiais de Brazzaville. Eis algumas passagens:

***Vocês não estão ouvindo
Todos esses gritos de angústia,
De medo e de aflição,
Que a miséria gerou?
Essa miséria que nos faz perder
A conta dos dias que passam sem se ver...***

***Nem sei com que nome te hei-de qualificar,
A ti que não sentes nem dó nem compaixão
Quando a tantos tu roubas felicidade e pão...***

***Ah, miséria do mundo...
Fica sabendo que teu fim está a chegar
Pois nós contra ti vamos lutar,
Porque um mundo melhor nós queremos conquistar!
E toda a juventude vai-se mobilizar. ...***

● **«O melhor da educação é poder dar possibilidades de vida»**

Chamo-me Yuri e tenho 32 anos. Desde muito novinho que comecei a fazer muitas perguntas a mim próprio sobre a pobreza, e ainda mais quando, no meu próprio meio, assisti à degradação de um ser humano por causas tão diversas! Então resolvi que tinha de trabalhar para a educação, mas não para uma educação qualquer : para uma educação cheia de amor, que tivesse como princípio básico : "O melhor da educação é poder dar possibilidades de vida".

O meu grande sonho era criar um "orfanato ecológico", mas como para isso era preciso muito dinheiro resolvi começar com coisas mais modestas. Durante os meus estudos, trabalhei para juntar o dinheiro necessário para o meu projeto em que ninguém acreditava. Após 6 anos de trabalho, ficou pronto. Uma amiga, ajudou-me a criar uma entidade jurídica : a "Aldeia Yanapay, associação civil sem fins lucrativos". Essa aldeia começou com uma pequena escola alternativa em 2004. No ano seguinte já tínhamos mais de 60 crianças que vinham todas as tardes. A meados de 2005 lancei um programa de voluntariado através da nossa página na internet.

No fim de 2005, o dinheiro que poupara tinha acabado, e comecei então a fazer quadros e postais ilustrados para manter a escola. Para que ela pudesse ter um financiamento próprio também criámos um restaurante, em 2006, o "Café Restaurante Aldeia Yanapay" que teria de ser um exemplo de comércio justo, respeitar os trabalhadores e ser um lugar de intercâmbio cultural.

Em Agosto de 2007 a nossa escola já estava ficando pequena, mas a casa ao lado ficou desocupada e, sem hesitar, lançámos a escola nº 2, com a ajuda de muita gente. Temos agora uma escola "yanapitas" para crianças de 5 a 8 anos e uma escola "yanapasos" para alunos de mais de 9 anos!

Até 2008, tanto a escola como o restaurante funcionaram só com voluntários, mas já pudemos contratar uma pessoa encarregada de gerir os projetos dos voluntários. Graças a um amigo pudemos desenvolver uma experiência de teatro com 23 crianças. E isso levou-nos a lançar um Centro Cultural e uma biblioteca com computadores e apoio para os jovens com sede de cultura. Esperamos começar em breve com os nossos ateliês de arte e com um clube de leitura.



Quanto a mim, o nosso país não precisa só de aliviar a fome no sentido próprio, mas precisa também de matar aquela fome de que muitos se esquecem: a fome de valores, de princípios e de amor.

YURI V. , PERU TIRADO DO SITE WEB DA «ALDEIA YANAPAY»

• A educação é importante

Rachel L. trabalha como Conselheira Voluntária no centro de saúde local. Ela explica como, com o apoio da família, do pessoal do hospital e da «People's Action Forum» ela pôde fazer uma formação, voltar à escola e ser capacitada.

Eu venho de uma província do sul da Zâmbia. Comecei a ficar doente no dia 5 de outubro de 2003 e meu exame de HIV deu positivo. Não foi difícil ouvir que eu sou «positiva», mas, passado um mês, foi difícil aceitar por causa do que as pessoas estavam falando sobre mim.

Eu estava esperando para ver quando morreria, talvez em seis horas, talvez em doze... estive assim por alguns meses. Naquele tempo, eu estava um esqueleto, porque tinha perdido muitos quilos e pensava que era melhor morrer por causa do que as pessoas diziam de mim.

Em 2004, um dos meus irmãos me levou para morar com ele e eu comecei o tratamento com os anti-retrovirais. Eu tomei medicamentos sem saber de que tipo eram, pois eu não sabia ler. Minha família cuidou de mim e dos meus filhos.

Em junho de 2006, fui ao hospital para buscar os medicamentos e lá eles me disseram que queriam que eu trabalhasse no Centro de Pesquisa de Doenças Infecciosas do Zâmbia e isso me deixou muito feliz. Eu trabalhei lá durante 3 meses sem salário e depois fiz uma formação para educadora. Naquele tempo, eu não sabia escrever em inglês e durante o curso eu escrevia somente em Bemba.

Quando voltei para Mazabuka, eu contei a uma senhora do People's Action Forum – PAF, o que aconteceu no curso e ela me encorajou a voltar para a escola. À princípio eu não queria, porque pensava que eu era muito velha para isso. Mas, no final, eu decidi ir à Escola Comunitária de Ndeke com uma amiga. Agora eu posso escrever e ler e vejo que a educação é importante porque você pode aprender mais sobre você mesma e como cuidar da sua família. Agora, minha comunidade e minha família são amigos.

Eu tenho 46 anos, 5 filhos e 4 netos e também cuido de um órfão. Estou no oitavo ano da escola e para o ano que vem farei a prova final do 9º ano. Eu agradeço ao PAF porque eles me ajudaram a ser quem sou hoje. Eles me ajudaram a formar-me e agora eu mesma posso fazer creme de amendoim para sustentar minha família e nunca mais precisarei de mendigar.

RACHEL L., ZÂMBIA

Correio dos Leitores – Correio dos Leitores – Correio dos Leitores –

• Fundámos o Instituto Superior de Educação e de Desenvolvimento Agrícola e Florestal cujos objetivos são lutar contra o desmatamento, preservar o meio ambiente, e também formar quadros qualificados em agricultura e criação de gado para ajudar os camponeses a produzir mais, e assim lutar contra a fome. Uma exploração florestal demasiado intensa teve graves consequências sobre a produção agrícola e a fome instalou-se. A opção "água e floresta" irá formar agentes capazes de proteger o ambiente que está hoje degradado por múltiplas razões, tanto internas (da comunidade local), como externas (regionais e até internacionais).

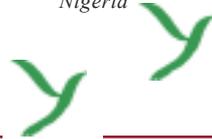
Jean Godefroid B. Gerdis Fonec,
R. D. do Congo.

• A "Casa das Crianças sem Mãe" começou a acolher mais bebês. Quando temos dificuldades financeiras, vamos ao mercado pedir aos comerciantes alguns mantimentos para os bebês e obtemos alguns resultados positivos. Já trabalhamos com o Ministério de Desenvolvimento Social no que diz respeito aos órfãos e às crianças vulneráveis, por vezes com o auxílio da Saúde Global. A UNICEF veio fazer-nos uma visita, com vontade de trabalhar conosco. Esperamos mesmo que isso se realizará. Seria bom para as crianças.

Josephine A., University of
Nigeria

• Sentimo-nos unidas às associações e às pessoas com objetivos próximos dos nossos. Os artigos da "Carta" fazem com que nos sintamos fraternos e solidários entre nós e com os que sofrem por causa da pobreza e da exclusão. Aqui no Peru, estão chegando as eleições autárquicas e regionais. Há muitos candidatos, mas poucos programas incluem verdadeiramente o ponto de vista dos pobres. Nós próprias, com as companheiras que trabalham no Lar, exigimos que os candidatos apresentem propostas para que aquelas que são exploradas, maltratadas e violadas possam conquistar os seus direitos e viver melhor.

Ana H., CEPRODETH, Peru



Poderá também enviar-nos os seus comentários e as suas experiências para o site :

www.atd-quartmonde.org/-Portugal ou mandar-nos um mail para forum.permanent@atd-quartmonde.org

O «Fórum Permanente sobre a extrema pobreza no mundo» é uma rede de pessoas empenhadas no desenvolvimento de uma amizade e de um conhecimento mútuos, a partir do que vivem e nos ensinam as populações pobres e muito pobres: aquelas que acumulam várias precariedades ao nível da educação, do alojamento, do trabalho, da saúde e da cultura; aquelas que são as mais rejeitadas e as mais criticadas. O Fórum é um convite à adesão de todos os que aspiram a uma forte participação numa corrente de pensamento e de acção que tem como prioridade a recusa da miséria no mundo, declarando-a intolerável e provocando a construção de comunidades onde os mais pobres, munidos dos direitos fundamentais, possam assumir as suas responsabilidades em pé de igualdade e em parceria com os outros. Esta corrente exprime-se através da **Carta aos Amigos do Mundo** que publica as mensagens dos nossos correspondentes três vezes por ano em francês, inglês, espanhol e português, graças ao trabalho de tradutores profissionais que oferecem os seus serviços gratuitamente. O Fórum Permanente é fomentado pelo Movimento ATD Quarto Mundo, OING (organização internacional não-governamental) com sede em Pierrelaye, França e permite a todos os que nele participam guardarem a sua identidade, não passando, por isso, a ser considerados membros de ATD Quarto Mundo.

O nosso endereço E-mail: forum.permanent@atd-quartmonde.org Internet : www.atd-quartmonde.org Assinatura anual: \$8 / €8 Assinatura de apoio: \$10 / €10. © Movimento internacional ATD Quarto Mundo – tipografia ATD – Méry-sur-Oise – N°75 - Outubro de 2010.

OS DESENHOS SÃO DE
HÉLÈNE PERDREAU
QUE, HÁ MUITO,
OS OFERECE GRATUITA-
MENTE AO MOVIMENTO
ATD QUARTO MUNDO.

PAGINAÇÃO :
L. ROUFFET